

VULNERABILIDADE SOCIAL E SUICÍDIO: ENTRAVES, DIÁLOGOS E AÇÕES DE ENFRENTAMENTO NA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO

Rosilda Maria de Queiroz da Cruz Nunes¹

Resumo: O contexto escolar tem como princípio auxiliar os jovens e adolescentes a reconhecerem seus estados emocionais, e, assim expressá-los de forma salutar. É importante fomentar no jovem ao longo do processo educacional a disposição de pedir ajuda diante dos desafios emocionais, psicológicos e depressivos vividos (BERTOLOTE, 2012). Nesse sentido, este artigo objetiva refletir sobre os entraves e ações presentes no contexto de luta e enfrentamento ao suicídio, frente à família, gestão escolar e professor dos jovens que vivem em vulnerabilidade social da escola pública do ensino médio. O trabalho apresenta como problemáticas as respectivas questões: 1) de que maneira as escolas públicas do ensino médio vêm construindo estratégias de enfrentamento frente ao suicídio e/ou, à ideação suicida dos estudantes? Quais os principais desafios enfrentados por professores, familiares e a gestão escolar, para lidar com esse problema social? A pesquisa se configura fundamentada na metodologia atrelada à abordagem qualitativa, diante dos estudos de Ludke, Menga & André, Marli E. D. A (1986), a partir do campo das relações étnico-raciais. No que tange os resultados preliminares, estamos em fase de levantamento bibliográfico a respeito da problemática em questão. Dessa forma, observa-se a importância e urgência de re/pensar o tema suicídio para além da questão patológica ou na psicopatologização. Buscamos, assim, pautar as principais

¹ Formada em Psicologia-UNEB-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-crítica/UNEB)”, Linha de pesquisa: Letramento Identidade e Formação de Professores. Orientadora Profa. Dra Maria Anória de Jesus Oliveira, endereço eletrônico: rosilda43nunes@gmail.com.

formas de estratégias e mecanismos de prevenção ao suicídio nos espaços escolares da educação básica.

Palavras-Chave: Suicídio. Vulnerabilidade Social. Enfrentamento.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar na contemporaneidade é atravessado por demandas conjunturais e estruturais desafiadoras relacionadas à questão de adoecimento e sofrimento, que impulsiona ao longo do tempo ao ato suicida ou ideação suicida dos jovens estudantes; essa realidade atinge toda a comunidade escolar. Nessa perspectiva, Maria A. Penso & Sena (2020) assinalam a importância dos profissionais em educação básica e do ensino médio promover subsídios significativos no fazer pedagógico e na relação afetiva que fomentem a identificação e construção identitária dos jovens estudantes. Para (PENSO, *et al*, 2012; *apud* PENSO; SENA, 2020, p. 2): “A escola, por ser obrigatória para todos, depois da família, é um contexto possível de identificações e suporte identitário que permeará à vida de todos os envolvidos, representando a oportunidade do encontro de um lugar de pertencimento e inserção social”.

Nesse sentido, as ações multidisciplinares desenvolvidas na escola reverberam como mecanismo preventivo, no que se refere ao problema do suicídio e tentativas de suicídios dos jovens estudantes de escola pública, em situação de vulnerabilidade social (BESSA, 2021). Essas ações multidisciplinares podem estimular ao longo do tempo, resultados positivos e esclarecedor no campo; emocional, psicoafetivo, socioeconômico, cultural, racismo e política. Penso & Sena (2020, p. 2) expõem que “o atual contexto no qual os jovens estão inseridos influencia sua construção identitária, levando à tomada de decisões que implicam na sua

saúde mental e até mesmo na retirada intencional da própria vida, ou seja, no suicídio”.

A falta de perenidade, no que se refere às discussões e construção de projetos sobre temáticas etnicorraciais e socioculturais na comunidade escolar, também, se torna um elemento desagregador no processo de re/construção da estrutura bio-psico-sócio-cultural do ser humano (CASSORLA, 2017; bell hooks, 2013). Logo, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra expõe que o “racismo, as desigualdades étnico-raciais e o racismo institucional como determinantes sociais das condições de saúde” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018, p. 11). Nessa perspectiva, a acumulação de experiências desfavorável na vida dos jovens inseridos nos grupos subalternos, favorece a diversas formas de adoecimentos e sofrimentos que podem levar ao ato suicida.

Refletir sobre o problema do suicídio na vida dos jovens e adolescentes das escolas públicas do ensino médio torna-se uma proposta de extrema relevância na sociedade (TEIXEIRA, 2007). Já que, segundo (MS 2017; Brasil, 2018, 2020) o número de jovens e adolescentes que acometem e tentam suicídio aumenta ao longo dos anos. Segundo a OMS, (1998) o suicídio é o ato deliberado, intencional no qual o indivíduo de forma premedita provoca ou executa a própria morte. Suicídio é uma ação pensada e planejada na maioria dos casos. “ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, usando um meio que acredita ser letal” (MS, 2018, p. 6).

Este artigo tem como proposta refletir sobre os entraves, diálogos e ações presentes no contexto de luta e enfrentamento ao suicídio, frente à família, gestão escolar e professor dos jovens que vivem em vulnerabilidade social da escola pública do ensino médio.

O artigo contou com fundamentação metodológica atrelada à abordagem qualitativa, na perspectiva dos estudos de Ludke, Menga & André, Marli E. D. A (1986). O estudo qualitativo convoca o pesquisador a observar o ambiente e a situação natural em consonância com as variáveis que se apresentam no processo do trabalho de campo. Uma das etapas do desenvolvimento da pesquisa será enveredada na revisão bibliográfica, “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 74).

Em uma pesquisa precedente, ficou constatado que a escola é uma instituição que tem um papel significativo no desenvolvimento de representações positivas sobre os grupos marginalizados². É o que expressa, também, o Guia Intersetorial de prevenção do comportamento suicida em crianças e adolescentes — GIPCSCA (2019). Vale salientar ainda que “a escola é um ambiente privilegiado para a promoção da saúde mental e prevenção do suicídio” (GIPCSCA, 2019, p. 2). A partir de tais visões, interessa re/pensar o espaço escolar como ambiente estratégico para fins de ampliação do campo de pesquisa e discussão a respeito dos principais caminhos e ações de prevenção ao suicídio (MATUOKA, 2017).

JUVENTUDE: VULNERABILIDADE SOCIAL E SUICÍDIO

Segundo O Ministério da Saúde (2018, p. 4) o suicídio é “um fenômeno social presente ao longo da história da humanidade associado a uma série de fatores psicológicos, culturais, morais, socioambientais, econômicos, entre outros”. O suicídio é um fenômeno complexo que apresenta dimensões multideterminadas e tabus no contexto social (MINAYO, 2006; WHO, 2018). Diante dessa realidade, observa-se a urgência de construir espaços de

² Rosilda M. Q. Nunes (2021).

diálogos para assim discutir a problemática do suicídio e sua prevenção na comunidade escolar, na mídia, família e sociedade em geral.

No Brasil a morte por suicídio encontra-se entre os dez países que registram os maiores números absolutos de suicídios, com 9.852 mortes em 2011 (BOTEGA, 2014, p. 231). Conforme MS (2017), o suicídio pode afetar qualquer ser humano, todavia as pessoas com pouca escolaridade, indígenas, jovens e adolescentes negros, idosos são mais vulneráveis à morte por auto aniquilação e ideação suicida.

O conceito de suicídio se sustenta numa perspectiva teórica ligada ao campo filosófica, sociológica, psicológica, entre outros, assim, conforme os estudos de (BERTOLOTE, 2012). Logo, do ponto de vista desse autor “uma definição precisa de suicídio ainda suscita divergência” (BERTOLOTE, 2012, p. 21).

Neste estudo, a definição do fenômeno suicídio perpassa pela construção do conceito em que atenda um olhar transdisciplinar, trazendo a junção de diversas vertentes conceituais que possam suprir as demandas sobrepostas, que abarcam problemáticas de cunho sociocultural, psíquica, econômica, política na qual provocam adoecimento e sofrimento na vida dos jovens, em situação de vulnerabilidade social. Para MS (2018, p. 4) o suicídio é “um fenômeno social presente ao longo da história da humanidade associado a uma série de fatores psicológicos, culturais, morais, socioambientais, econômicos, entre outros”.

Os motivos que atravessam a problema do suicídio estão implicados em marcadores socioeconômicos, culturais, históricos, etnicorraciais, políticos e de saúde ao longo da história da humanidade (CASSORLA, 2017). A situação de vulnerabilidade social torna-se um dos elementos agravantes da elevação do

número da taxa de morte por violência autoprovocada, já que viver em constante condição de conflitos, miséria social, desemprego, falta de perspectiva de melhoras de vida produz adoecimento e sofrimento (NEVES, 2007; AYES *et al*, 2003).

A elevação da taxa do número de jovens e adolescentes que se suicida e tem ideação suicida é uma situação emblemática que se agrava na sociedade brasileira a cada dia (MS, 2018). Assim, observa-se a necessidade de pesquisar o tema atrelado à questão dos grupos marginalizados, aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social, em que a dinâmica de vida é marcada e atravessada por uma política de morte controlada pelo poder hegemônico (MBEMBE, 2016).

De acordo com G. Busso (2001), a vulnerabilidade;

...tem como potencialidade contribuir para identificar indivíduos, grupos e comunidades que por sua menor dotação de ativos e diversificação de estratégias estão expostos a maiores níveis de risco por alterações significativas nos planos sociais, políticos e econômicos que afetam suas condições de vida individual, familiar e comunitária (G. BUSSO, 2001, p. 25).

O conceito de vulnerabilidade “denota a multideterminação de sua gênese não estritamente condicionada à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas também atrelado às fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos” Secretaria Nacional de Assistência Social, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (SNASMDSF, 2003, p. 145).

Um dos consensos sobre o conceito de vulnerabilidade social é que “este apresenta um caráter multifacetado, abrangendo várias dimensões, a partir das quais é possível identificar situações de vulnerabilidade dos indivíduos, famílias ou comunidades” (CUNHA, *et al*, 2019, p. 147). A vulnerabilidade social atravessa o

uma conjuntura de dimensões múltiplas na vida do indivíduo, na qual acarreta consequências danosas na sua formação psíquica e emocional.

Conforme os estudos de Penso e Sena (2020, p. 6) “não ter trabalho pode despertar um sentimento de vergonha e inutilidade, configurando uma forma de desfiliação de diversos contextos, acentuando o individualismo para aqueles que possuem suportes materiais e econômicos”, e, assim introduzindo maior exclusão juntos aos indivíduos que não dispõem desses suportes, os chamados “indivíduos por falta” (CASTEL, 1998).

PANORAMA CONCEITUAL: PREVENÇÃO AO SUICÍDIO

Tecer diálogo a respeito da prevenção ao suicídio no ambiente escolar no contexto atual é de extrema relevância quando se observa o crescimento desse problema conjuntural em qual reverbera na vida dos jovens subalternos. No campo da medicina e em saúde pública, o termo prevenção é entendido como “qualquer medida no qual busca interceptar a causa de uma doença antes que ela atinja um sujeito” (BERTOLOTE, 2012, p. 81).

As condições e os fatores de vulnerabilidade que se movimentam na existência e experiência cotidiana da juventude em situação de precariedade socioeconômica, cultural na comunidade escolar exprimem a realidade e o pedido de socorro, frente às instâncias responsáveis em re/pensar estratégias para reduzir os impactos e elucidar os principais fatores que causam o agravamento de adoecimento e sofrimento psicossocial e emocional na vida desse público. Segundo Bertolote (2012) é importante construir propostas e estratégias para prevenção do suicídio, pensar em “esforços sistemáticos bem documentados foi um dos resultados lançados no início do século XX, [...] eram ações

de grupos da sociedade, não de órgãos governamentais” (BERTOLOTE, 2012, p. 93).

Mas como refletir sobre prevenção do suicídio na comunidade escolar no momento em que a comunidade científica ainda hoje assinala fragilidades nas estruturas de formação e direcionamentos técnicos no manejo de ações diretas no combate aos impactos desfavorável à vida? Nessa conjuntura os estudos de Bertolote revelam as fragilidades ainda hoje presente na construção do conceito de suicídio. No campo científico esse conceito apresenta lacunas e falta de respostas para algumas perguntas. Desse modo, para Bertolote, (2012);

Espehando a evolução do próprio conceito de suicídio, essas primeiras iniciativas visando à sua prevenção eram inspiradas por princípios religiosos, humanitários e filantrópicos, não sanitários, também científico [...] eram ações de grupos da sociedade, não de órgãos governamentais (BERTOLOTE, 2012, p. 93).

O crescimento da taxa de auto aniquilação no mundo convoca a sociedade científica e civil a conhecer e ampliar o rol de informação e conhecimento sobre os marcadores que atravessam o problema do suicídio em dimensão coletiva e individual. Nesse sentido, ao longo do tempo “surgem novas iniciativas que visavam à prevenção do suicídio, a maior parte delas inspirada em princípios clínicos seguidas de abordagens individuais” (BERTOLOTE, 2012, p. 94).

Olhar e reconhecer o espaço escolar como lugar de construção de experiências aplicadas à educação antirracista, alimento identitária, formação da autoestima, autoconfiança do individuo revela a urgência de trabalhar propostas pedagógicas e ações de desenvolvimento socioafetivo voltadas às narrativas de si, bell hooks (2013).

Nessa perspectiva, deslocar por compostos metodológicos, epistemológicos embasados em pilares científicos e teóricos coesos que deem conta das dimensões complexas e emblemáticas presente no campo da prevenção do suicídio produz condições favoráveis para seu enfretamento. Uma vez que, os estudos teóricos e científicos sobre essa temática revelam que “A partir do momento em que se aproximaram da saúde pública, revelaram suas fragilidades metodológicas (BERTOLOTE, 2012 p. 93)”. Conforme esse autor os programas de prevenção ao suicídio se constituíram da seguinte forma.

Muitos dos programas de prevenção do suicídio sua maioria, na verdade (mesmo os que foram concebidos e / ou iniciados no século XXI) – continuam inspirados nos mesmos princípios filantrópicos dos programas pioneiros e não são planejadas com a finalidade precípua de serem avaliados (BERTOLOTE, 2012, p. 93).

Para Fukumitsu³ (2016, p. 1) “a prevenção do suicídio representa uma maneira de resgatar as potencialidades existenciais, bem como de identificar as possibilidades que a pessoa pode exercitar no enfrentamento das adversidades que a vida lhe impõe”. Para a autora é necessário re/criar, “[...] há possibilidades para prevenir. No entanto, prevenção não significa previsão” (FUKUMITSU, 2013, p. 58). Assim, Fukumitsu (2016) expõem;

Dessa maneira, prevenir não significa prever, tampouco evitar, mas sim, dentre inúmeras possibilidades, favorecer acolhimento ao sofrimento existencial por meio da *informação* e da *precaução*. ‘Pôr de sobreaviso’ implica um trabalho psicoeducativo, uma das possibilidades preventivas a fim de instrumentalizar profissionais da saúde

³ Fukumitsu, K.O. (2016). Matéria jornalística; Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidio-e-sua-prevencao/> Acesso em: 20 jun. 2021.

e familiares a encontrarem maneiras de cuidar da dor que atormenta o coração daquele que percebe a morte como algo mais interessante que a vida (FUKUMITSU, 2016, p. 2)⁴.

Karina Okajima Fukumitsu (2016) fomenta reflexão e análise a respeito do trabalho psicoeducativo como meio de cuidado ao suicídio de modo a exercitar a questão da prevenção. Apresenta maneiras de construir mecanismos que favoreçam o acolhimento e fortalecimento do indivíduo diante da luta existencial em seu cotidiano escolar.

DISCUSSÃO: AÇÃO E PREVENÇÃO AO SUICÍDIO NO AMBIENTE ESCOLAR

Hoje o campo da educação de ensino básico e médio vem sendo palco de discussão organizada em práticas ativas no combate à auto aniquilação, segundo Bertolote (2012) sustentadas em pilares organizados em reunião da OMS, com a participação de educadores dos níveis básico e médio. Nessa direção foram identificadas algumas atividades que podem, potencialmente, reduzir os comportamentos suicidas a curto, médio e longo prazo na vida dos jovens estudantes, tais como,

Reforçar a saúde mental de professores e outros profissionais das escolas; reforçar a autoestima dos alunos; promover a expressão saudável de emoções; prevenir o bullying e outras formas de violência na escola; fornecer informações sobre serviços de ajuda (BERTOLOTE, 2012, p. 114).

Para Bertolote (2012), o contexto escolar tem o papel de auxiliar os jovens e adolescentes a reconhecerem seus estados emocionais, e, assim expressá-lo de maneira salutar, é

⁴ Fukumitsu, K.O. (2016). Matéria jornalística; Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidio-e-sua-prevencao/> Acesso em: 20 jun. 2021.

importante alimentar no jovem ao longo do processo educacional a disposição de pedir ajuda diante dos desafios emocionais, socioafetivos, psicológicos e depressivos vividos. De acordo Bertolote (2012), quando o professor em seu cotidiano pedagógico observa sinais do aluno com comportamento suicida, esse deve de maneira imediata dialogar com a direção da escola e a família.

O papel do Estado é promover nas escolas condições de debates contextualizados sobre auto aniquilação, diálogos sobre questões dos principais marcadores que promovem o aumento do índice de violência autoprovocadas entre os estudantes. A urgência de formação e capacitação dos professores por parte do Estado no que tange o tema de saúde mental, socioafetivo entre outras na escola é um agravante à manutenção de estratégias e ações eficazes em combate do suicídio. Conforme os estudos de Brito (2020).

Como estratégias apontaram a necessidade de prevenção por meio da identificação do aluno em risco, da observação, do diálogo, do monitoramento e utilização de redes de apoio. Os desafios elencados pelos professores foram à inabilidade na identificação e associação dos sinais de alerta com o comportamento suicida, a dificuldade na abordagem do aluno em crise, a ausência de equipe de saúde mental nas escolas e de temas transversais nos currículos escolares (BRITO, 2020, p. 1).

O manejo das ações preventivas no cotidiano escolar deve comungar com diretivas estruturais oferecidas pelos responsáveis de instâncias governamentais. Já que a escola pública pode tornar-se palco constante de grande movimento capaz de acionar mecanismos de luta e de reexistência, frente às condições de barbaria presente no contexto de vida dos jovens estudantes de escolas públicas.

Nesse sentido, se deslocar diante das condições e dos impactos do racismo e da necropolítica que reverberam no dia a dia dos jovens revela a emblemática realidade de adoecimento, e a necessidade de criar políticas públicas eficazes em consonâncias com a saúde pública e prevenção à vida dos estudantes. Para tal, em que todas essas ações conduzam os jovens a identificarem seus sofrimentos psíquicos e emocionais (BERTOLOTE, 2012).

Segundo Navasconi (2019), desconstruir estruturas que favorecem o apagamento de grupos e pessoas marginalizadas é um caminho a ser desconstruída, frente às bases hegemônicas e capitalistas na forma do “se fazer” ciência. A “Necropolítica” é entendida como modelo de política que “dita quem pode viver e quem deve morrer [...] definir a vida como implantação e manifestação de poder” (MBEMBE, 2016, p. 2). A população mais fragilizada sofre as consequências da necropolítica; os negros, indígenas e outros que vivem em situações paradigmáticas e desumanas atreladas ao racismo.

Moore (2007, p. 23) problematiza “a negação da falta de sensibilidade diante da falta de acesso da população negra aos direitos elementares como educação, habitação e saúde”, e, assim, a função central do racismo é de conservar os privilégios dos grupos privilegiados. Essa negação produz um espiral repleto de zonas tóxicas que geram efeitos drásticos aos grupos que sofrem as consequências desse racismo perverso.

Por outro lado, Almeida (2018, p. 25) compreende o racismo como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam”. Nessa lógica, observam-se as experiências sociais e afetivas vividas pelos jovens negros, indígenas e outros atrelados ao racismo e seus

impactos na construção da autoestima e confiança desses estudantes.

Assim, diante dos estudos analisados no referencial, foi possível entender que “identificar jovens e adolescentes em risco é o principal meio para elaboração de estratégias de enfrentamento e prevenção do comportamento suicida, nessa faixa etária” (BRITO; SENA, 2020, p. 3). A autora expõe que,

os professores estão em posição estratégica dentro do ambiente escolar para atuarem como provedores da prevenção do comportamento suicida, por meio da utilização das estratégias de prevenção que envolve intervenções de resiliências, promoção da cultura da paz, identificação dos sinais de alerta, além de poder fornecer apoio de primeira linha aos adolescentes por estarem em contato contínuo e diário com os alunos e servirem de elo entre os serviços de saúde (BRITO; SENA, 2020, p. 3).

Desse modo, a posição estratégica dos professores favorece para a ampliação do esforço conjuntural da comunidade escolar em estimular ações de luta e enfrentamento do suicídio e tentativas de suicídio na escola direciona a reflexão da necessidade e urgência de formação profissional da comunidade escolar para melhor reconhecimento identificação e do quadro de tristeza, isolamento e os problemas familiares, além da construção de rede de apoio com outras instituições (BRITO; SENA, 2020; BESSA, 2021; TEIXEIRA, 2007).

CONSIDERAÇÕES

A necessidade de ampliar os estudos sobre prevenção do suicídio na escola promove maior visibilidade de discussão e ampliação de estudos teóricos, além favorecer um olhar a respeito das ações e atos de reexistência (SOUZA, 2018). Refletir a dimensão

do papel da escola em parceria com outras instituições na comunhão de diálogo com a família, professores, aluno e gestão escolar para melhor atuar o problema do suicídio numa perspectiva dialética e sistêmica. Dialética no momento em que se pensa a auto aniquilação numa realidade voltada ao campo da saúde, questões genéticas e outras; sistêmica numa conjuntura atrelada ao campo do racismo, político, cultural e a vulnerabilidade social.

Problematizar o papel dos órgãos responsáveis, da comunidade escolar e redes de apoio em um horizonte atrelado à formação holística do ser humano, ou seja, um espaço que favoreça a amplitude de fortalecimento da autoestima discente (BESSA, 2021). Isso propõe a abertura de diálogos, reflexões, debates e trilhas de resistência sobre temáticas como; cultura, racismo e realidade socioafetiva, entre outras em que caminhem e se desdobrem dentro de uma lógica sistemática e reflexiva [...]. Isso se apresenta, segundo Carlos Moore, como “a negação da falta de sensibilidade diante da falta de acesso da população negra aos direitos elementares como educação, habitação e saúde” (MOORE 2007, p. 23).

A revisão bibliográfica que fundamentou a pesquisa precedente dentro desse recorte⁵, evidenciou que as produções acadêmicas acerca do suicídio apontaram que a maior parte dos casos e tentativas de suicídio está atrelada ao campo da área da saúde, isso se configura mediante a forma como a problemática do suicídio, no cenário científico, está relacionado à visão patológica.

Sendo assim, é importante ampliar e aprofundar pesquisas na área de vulnerabilidade social com o objetivo de identificar os principais fatores que provoca o crescimento das taxas de auto aniquilação no Brasil. Para tal ação faz-se necessário perpassar por campos teóricos e metodológicos no qual assinalam a construção

⁵ Vejam-se a dissertação na área (Rosilda M. Nunes, 2021).

das bases de formação do modelo de ciência enveredada em linhas e atitudes colonizadoras, assim desconstruir estruturas hegemônicas como forma de melhor identificar os meandros disfarçados nesse contexto em discussão. Segundo Maldonado Torres (2007) “a atitude decolonial encontra suas raízes nos projetos insurgentes que resistem, questionam e buscam mudar padrões coloniais do ser, do saber e do poder”.

O letramento de reexistência aplicados na dinâmica cotidiana da escola, frente às escolhas de materiais didáticos, discussões, debates, projetos interdisciplinar e multidisciplinar que trabalhem com a questão do racismo, sexismo, vulnerabilidade social e outros são elementos que favorecem para o fortalecimento, autoestima e confiança dos estudantes e também a desconstrução de estruturas de ensino coloniais no espaço escolar.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2019.

AYES, José Ricardo C. M. *et al.*, *O risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde.* (2003). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347426/mod_resource/content/1/risco_vulnerabilidade%20Ayres%20e%20cols.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

BERTOLETE, José. M. *Suicídio e sua prevenção.* São Paulo: Unesp. 2012.

BESSA, Marilda C. dos Reis. *Prevenção ao Suicídio entre Alunos do Ensino Médio: Uma Proposta Educacional/* 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/TESTE/Desktop/DOUTORADO-2021/PREVEN%C3%87%C3%83O%20AO%20SUIC%C3%8DDIO%20ENTRE%20ALUNOS%20DO%20ENSINO%20M%C3%89DIO.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

BOTEGA, José Neury. *Comportamento suicida: epidemiologia* (2014) volume 25 | número 3 | 231-236. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140004>. Acesso em: 9 set. 2021.

BOTEGA, José Neury. *Crise Suicida: avaliação e manejo.* Porto Alegre: Artmed, 2015.

Boletim Epidemiológico. *Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, v. 48, n. 30, 2017. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: A Etapa do Ensino Médio*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/a-area-de-ciencias-humanas-e-sociaisaplicadas>. Acesso em: 27 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. *Lei n. 13.819, de 26 de abril de 2019*. Institui a política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Diário Oficial da União, 29 abr. 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13819.htm. Acesso em: 20 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária*. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://www.portaldasaude/>. Acesso em: 17 maio 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Agenda de ações estratégicas para a vigilância e prevenção do suicídio e promoção da saúde no Brasil, 2017 a 2020*. Brasília, Ministério da Saúde, 201. Disponível em: https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/cartilha_agenda-estrategica-publicada.pdf. Acesso em: 20 set. 2019.

BRITO, Mara Dalila L. Sousa. SILVA, Fernando José Guedes al et &. Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. *Esc. Anna. Nery* 24 (4) 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0109>. Acesso em: 10 Jun. 2022

BUSSO, G. La vulnerabilidad social y las políticas sociales a inicios del siglo XXI: una aproximación a sus potencialidades y limitaciones para los países latinoamericanos. Santiago do Chile: CEPAL/CELADE, 2001.

CASSORLA, R. M. S. Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução. São Paulo: Editora Blucher, 2017.

CUNHA, José Marcos Pinto. *A vulnerabilidade social no contexto metropolitano: o caso de Campinas*; Anais do IV e V Seminário Nacional População, Espaço e Ambiente (2017-2019); Disponível em <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/index>. Acesso em: 23 jun. 2021

FUKUMITSU, Karina. O. *Suicídio e Luto: histórias de filhos sobreviventes*. São Paulo: Digital Publish & Print Editora, 2013.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes 2013.

LUDKE, Marli E. D. A. ANDRÉ, *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU. 1986.

MATUOKA, Ingrid. *Qual o papel das escolas na prevenção ao suicídio? Centro de Referências em Educação Integral*, 26 set. 2017. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/repostagens/qual-o-papel-das-escolas-na-prevencao-dosuicidio/>. Acesso em: 27 fev. 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Temáticas. Arte & Ensaios. nº 32 revista do pgav/eba/ufrrj. Trad. Renata Santini. Dezembro de 2016.

MINAYO, M. C. de S. (1998). A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública: a sociological concern and a public health problem. *Cadernos de Saúde Pública*, 14(2), 421-428. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1998000200027>.

MINAYO, M. C. de S., Cavalcante, F. G., & Souza, E. R. de. (2006). Methodological 232 proposal for studying suicide as a complex phenomenon. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(8), 1587-1596. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000800007>.

MOORE. Carlos. Racismo e sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo. B.H. 2007.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

M.S-Ministério da Saúde-Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016, Brasília DF. Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. Vida, adoecimento e suicídio; racismo na produção do conhecimento sobre jovens negros/as LGBTTIS. Letramento, BH, 2019 238 p.

NEVES. Sandra Regina Smith. *Suicídio e Alienação da desigualdade e da exclusão social*. Belém. 2007. Disponível em: http://bibcentral.ufpa.br/arquivos/160000/160200/19_160217.htm Acesso em: 15 jul. 2019.

OLIVEIRA, M. A. J. Raça e gênero: entrelaces racistas versus afirmação identitária negra. *Nguzu* – Ano 1, n. 1, março/julho de 2011

Organização Mundial da Saúde [internet]. *Folha informativa atualizada em agosto de 2018*, [acesso em outubro de 2018]. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 27 maio 2022

PENSO, Maria Aparecida & Sena, Denise Pereira A. *A desesperança do jovem e o suicídio como solução*. Soc. estado. 35 (01) Jan-Apr, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202035010004>. Acesso em: 15 jun. 2022.

Secretaria Nacional de Assistência Social, *Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome*. Resolução do Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS no 145, de 15 de outubro de 2004. Aprova a Política Nacional de Assistência Social – PNAS. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; 2009.

SOUZA, A. L.S. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. p. 176.

TEIXEIRA, Célia Maria F. da S. *A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes – relato de experiência*. Goiânia. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/1509/1496> Acesso em: 19/07/2019

TORRES, Nelson Maldonado. Transdisciplinaridade e decolonialidade. 2015

WHO (World Health Organization). Suicide data. In: WHO (World Health Organization). Mental Health. 2019. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/. Acesso em: 15 dez. 2020.